



XXIV
Mostra
de Iniciação
Científica

SEMANA DO
CONHECIMENTO

A Universidade em movimento

De **7a10** de outubro de 2014



RESUMO

CORPO E COR EM MOVIMENTOS DE LEITURAS SOBRE O RACISMO

AUTOR PRINCIPAL:

Thaís Nicolini de Mello

E-MAIL:

100607@upf.br

TRABALHO VINCULADO À BOLSA DE IC::

Pibic UPF ou outras IES

CO-AUTORES:

--

ORIENTADOR:

Carme Regina Schons

ÁREA:

Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Letras e Artes

ÁREA DO CONHECIMENTO DO CNPQ:

8.01.00.00-7, 8.01.01.00-3

UNIVERSIDADE:

Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa faz parte do projeto de pesquisa "Processos de identificação sujeito/língua e processos de leitura/interpretação em diferentes formas de subjetivação". Com o propósito de refletir sobre os sentidos que se constituem em imagens postas em circulação em publicações jornalísticas, em nosso país, buscamos analisar diferentes modos de discursivizar sobre a violência urbana. Desse modo, toma-se como corpus o racismo - efeito imaginário tecido pela cor do sujeito - que perpassa diferentes momentos da história da humanidade. Em meados de julho de 2014 houve um caso de racismo contra o jogador de futebol Daniel Alves. Na situação descrita, uma banana foi atirada ao campo, aludindo ao termo pejorativo "macaco", muito usado para ofender a raça negra. Diante disso, criou-se um movimento na internet cujo lema era "somos todos macacos" visando combater o preconceito. Entretanto, o movimento negro antirracismo veiculou enunciados opostos, criando os lemas "não somos macacos" e "somos todos humanos".

METODOLOGIA:

A pesquisa realizou-se com base nos conceitos da Análise do Discurso com filiação aos estudos desenvolvidos por Pêcheux, que considera os sons, os significantes, na cadeia discursiva, a existência de não-ditos, algo da ordem da possibilidade, daquilo que pode vir a ser. A seleção do corpus deu-se a partir do estranhamento frente ao caso de racismo contra o jogador Daniel Alves e analisaram-se enunciados veiculados na mídia. O corpus escolhido é constituído de sequências discursivas recortadas do depoimento de Daniel, de discursividades da posição contrária do movimento negro antirracismo a respeito do ocorrido. Para tanto, na relação do texto verbal e não-verbal, tomou-se o corpo como contradição social, como memória de sentidos, considerando que nas imagens ressoam enunciados "somos todos macacos", "somos todos humanos" e "não somos macacos". Além dos efeitos de paráfrase na constituição da memória discursiva, analisou-se o funcionamento de metáforas e de contradições presentes no interdiscurso.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Althusser(1984, p. 67) afirma que "o discurso do inconsciente é condição para qualquer discurso". Em outras palavras a lei da linguagem se fixa e se dá em toda ordem humana. Para a Análise do Discurso, as imagens (de si e do outro) são construídas pelos sujeitos, afetados pela ideologia e pelas condições sócio-históricas, a partir do jogo das formações imaginárias e das relações de poder em confronto no momento da enunciação. Elas constituem as diferentes posições, e a textualização na discursivização social representa um modo de melhor compreender o trabalho do simbólico. Diante do embate de sentidos entre o primeiro enunciado, "somos todos macacos", e os posteriores, "não somos macacos" e "somos todos humanos", podemos observar alguns tecidos semânticos e ideológicos presentes nestes discursos, bem como contradições, metáforas e paráfrases discursivas. No que tange à paráfrase discursiva, observamos a reiteração da ideia racista de negros como raça "pouco evoluída", reforçada na imagem da banana em campo para agredir o jogador Daniel Alves. A designação "macaco" parafraseia o discurso histórico, a partir da teoria evolucionista de Darwin, de que esta raça não teria evoluído como as outras e, portanto, seria mais próxima dos macacos do que as demais raças. Assim, a paráfrase de tal ideia criou uma memória social que ainda permeia o imaginário de nossa sociedade, construindo, além da repetição da ideia primeira, novos sentidos. Com o fato de racismo ocorrido nos estádios, veiculou na internet a campanha publicitária "somos todos macacos" contra o preconceito racial, encomendada pelo jogador Neymar Jr. Como critério de formação desse recorte, deflagrou-se sequências discursivas que, sob olhar de analista, tem a ver com a posição defendida pelo movimento negro antirracismo, que criou os lemas "não somos macacos" e "somos todos humanos". Estes últimos defendem a ideia de sermos iguais pelo que a humanidade tem em comum, e não pela possível descendência comum de primatas, como o enunciado primeiro.

CONCLUSÃO:

O combate do racismo reforça o efeito imaginário. Em relação ao efeito metafórico, o funcionamento dos três enunciados mostra como um segundo sentido se relaciona com o anterior, e como esses significam nos processos discursivos. É o sujeito empregando expressões e proposições sobre corpo e cor, em dada formação ideológica, cujos sentidos deslizam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALTHUSSER, L. Freud e Lacan. Marx e Freud. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- ACHARD, Pierre [et al.]. Papel da memória. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. [1975]. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, Françoise (Org.). Por uma análise automática do discurso. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, Michel, LÉON, Jacqueline. Análise Sintática e Paráfrase Discursiva. In: ORLANDI, Eni (Org.). Análise do Discurso: Michel Pêcheux. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

Assinatura do aluno

Assinatura do orientador